A FÓRMULA DA PAIXÃO

De Aby Warburg e Sobre Ele

Três fragmentos inéditos
e ensaios críticos

Leão Serva
Norval Baitello Jr.
organizadores

educ

Até hoje inéditos no Brasil, estes textos escritos pelo estudioso alemão Aby Warburg têm em comum as referências à imprensa e à Primeira Guerra Mundial, sob a égide da qual os três foram escritos.

Como o leitor poderá sentir, o estilo da prosa de Warburg é sempre difícil, mesmo nos originais. Rebuscado, sempre buscando criar novas palavras, Warburg dá trabalho tanto aos leitores de língua alemã como àqueles que o consomem em traduções.

Os textos expressam a visão que tinha da imprensa, como instrumento de propaganda, de disputa de visões, o *front* de uma batalha disputada em palavras e imagens, semelhante ao que identificara nas guerras religiosas no tempo de Lutero. Warburg também revela sua visão de que os textos jornalísticos devem ser analisados no conjunto da edição em que são publicados, pois, se tirados deste contexto, parte fundamental de sua expressão fica comprometida. Neste caso, cem anos depois, sua visão pode ser usada para entender a desinformação que decorre do frequente consumo de textos de imprensa em redes sociais, deslocados do ambiente jornalístico em que foram publicados originalmente.

Leão Serva
Mestre e doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Jornalista e escritor, é autor de *Jornalismo e desinformação* (Senac, 2001) e *A "fórmula da emoção" na fotografia de Guerra* (Edições Sesc, 2021).

Norval Baitello Jr.
Doutor em Comunicação pela *Freie Universität Berlin*. Professor titular na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (COS) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Autor de diversos livros, entre os quais *"A era da iconofagia"* e *"O pensamento sentado"*.

A FÓRMULA DA PAIXÃO
DE ABY WARBURG E SOBRE ELE

Três fragmentos inéditos e ensaios críticos

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Reitora: Maria Amalia Pie Abib Andery

EDITORA DA PUC-SP
Direção
Thiago Pacheco Ferreira

Conselho Editorial
Maria Amalia Pie Abib Andery (*Presidente*)
Carla Teresa Martins Romar
Ivo Assad Ibri
José Agnaldo Gomes
José Rodolpho Perazzolo
Lucia Maria Machado Bógus
Maria Elizabeth B. T. Morato Pinto de Almeida
Rosa Maria Marques
Saddo Ag Almouloud
Thiago Pacheco Ferreira (*Diretor da Educ*)

A FÓRMULA DA PAIXÃO
DE ABY WARBURG E SOBRE ELE

Três fragmentos inéditos e ensaios críticos

Leão Serva
Norval Baitello Jr.
organizadores

São Paulo
2022

Copyright © 2022. Leão Serva e Norval Baitello Jr.
Foi feito o depósito legal.
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Reitora Nadir Gouvêa Kfouri/PUC-SP

A fórmula da paixão: de Aby Warburg e sobre ele – Três fragmentos inéditos e ensaios críticos / Leão Serva, Norval Baitello Jr. (orgs). - São Paulo : EDUC, 2022.
178 p. ; 23 cm
Bibliografia.
ISBN 978-65-87387-34-5

1. Warburg, Aby, 1866-1929 Três fragmentos inéditos. 2. Warburg, Aby, 1866-1929 - Crítica e interpretação. 3. Warburg, Aby, 1866-1929 - Coleções de fotografias. 4. Arte - Filosofia. 5. Crítica de arte. I. Serva, Leão. II. Baitello Jr, Norval.

CDD 701
701.18
779

Bibliotecária: Carmen Prates Valls - CRB 8a. 556

EDUC – Editora da PUC-SP

Direção
Thiago Pacheco Ferreira

Produção Editorial
Sonia Montone

Revisão de textos
Maria Valéria Diniz da Silva
Padronização de referências
Leão Serva

Editoração Eletrônica
Waldir Alves
Gabriel Moraes

Capa
Gabriel Moraes
Imagem de Capa
Fragmentos de escritos de Aby Warburg

Administração e Vendas
Ronaldo Decicino

Rua Monte Alegre, 984 – Sala S16
CEP 05014-901 – São Paulo – SP
Tel./Fax: (11) 3670-8085 e 3670-8558
E-mail: educ@pucsp.br – Site: www.pucsp.br/educ

Prefácio: Aby Warburg e sua Ciência sem nome[1]

Leão Serva
Norval Baitello Jr.

Um menino que não quis um banco de herança

Tudo na vida deste homem foi surpreendente: seu pensamento e a proposta de uma nova ciência, sua biblioteca, sua longa enfermidade e sua cura, seu discreto silêncio, sua paixão pelas imagens, suas ousadas ideias, sua febril atividade arquivística e colecionista. Nada pode ser mais impactante, contudo, aos olhos de uma civilização ocidental que aprecia o poder e o dinheiro do que a atitude do menino Aby, aos 13 anos, como primogênito de família judaico-alemã, herdeiro do poderoso Banco Warburg, de seu pai. Chama seu irmão Max e pergunta se queria o banco. Max, surpreso, logo quer saber quais as condições. Aby responde de pronto: em troca, ele deveria comprar todos os livros que escolhesse, a vida toda.

1 Uma versão do texto foi publicada originalmente na *Folha de S. Paulo,* em 9/5/2017.

Max aceitou no ato e ficou selado o trato entre dois meninos, de 13 e 12 anos. Ali nascia a notável Biblioteca Warburg de Ciências da Cultura, que seria criada em 1909 ao lado de sua casa em Hamburgo, sua cidade natal, e posteriormente transferida para Londres, em 1933, logo após a ascensão de Hitler (que Warburg não testemunhou, pois veio a morrer em 1929). O menino, nascido em 1866, que estudou arqueologia e história da arte, preferiu os livros e seus mistérios, abrindo mão do banco, do poder.

Uma biblioteca em que os livros conversam entre si

Aby fazia viagens à Itália, sua paixão, buscando preciosidades, testemunhos de mundos perdidos ou recalcados, tratados esquecidos pela poeira de muitos séculos, manuais de ciências ocultas (à época desprezadas), livros especiais em todas as áreas da cultura humana. Colecionados a partir de raridades e amplitude de temas, depois de muitas viagens e correspondências com antiquários, os livros não eram organizados na biblioteca por princípios alfanuméricos, mas pela "lei do melhor vizinho". Assim, um livro de matemática poderia estar ao lado de um livro de astrologia; outro, de numerologia, que, por sua vez, estaria ao lado de um sobre cura talismânica. Um livro de arte poderia estar ao lado de um sobre alquimia; a mitologia, em diálogo com a astronomia, magia e ciência, pois não eram âmbitos excludentes. Os saberes esquecidos ou arcaicos tinham sempre a atenção especial de Aby Warburg e do seu bibliotecário, Fritz Saxl, ambos arqueólogos de temas e imagens que migravam para diferentes culturas. De tempos em tempos, os livros também se mudavam para outras estantes, em busca de outros vizinhos e novos diálogos. Desse modo, a organização da biblioteca não era fixa e não se oferecia como um mapa, talvez mais como um labirinto de surpresas, um lugar para o leitor se perder.

O depoimento mais notável e fiel a respeito da Biblioteca Warburg de Ciências da Cultura foi registrado por Ernst Cassirer, seu amigo, após sua primeira visita, guiada pelo próprio Warburg. Cassirer, após horas de visita, retorna à sua casa em profundo estado de choque e jura à esposa que nunca mais poria os pés naquela biblioteca novamente, pois, se o fizesse, não conseguiria jamais sair de lá. A tentação, porém, era irresistível, e o filósofo não conseguiu cumprir o juramento, voltando muitas vezes.

Certamente, não se tratava de biblioteca simples, nem cartográfica, mas uma organização foi pensada por Warburg, com quatro grandes seções denominadas: 1) imagem; 2) palavra; 3) orientação; 4) ação. Além disso, atendendo à "lei da boa vizinhança", mas sem prender os livros a posições fixas e para sempre, cada volume recebia três tiras coloridas na lombada: a) área científica (cada área de uma cor específica – por exemplo, Filosofia, verde-escuro; História da Arte, cor de vinho; Ciências da Natureza, amarelo); b) valor metodológico (diferenciando tratados, manuais, fontes ou valor histórico); c) subclasses às quais pertenciam as obras (por exemplo: religião helenística dos mistérios, idade média oriental, renascença italiana etc.). Tais princípios organizativos exigiam dos funcionários, de tempos em tempos, trabalhosas operações de realocação dos livros. Sua mobilidade e sua flexibilidade, por outro lado, ofereciam aos usuários sempre novos desafios e novas questões, sugerindo novas combinações e conexões entre os saberes. A migração dos livros representava também o pensamento de Warburg a respeito das imagens e suas migrações através de épocas e culturas distintas.

Uma doença e sua "cura infindável"

Apaixonado pela força das imagens e por sua capacidade de permanência ao longo da história humana, desde seus mais remotos primórdios até os tempos mais modernos, Warburg as colecionava em todos os seus mais distintos ambientes, desde os ambientes do mito, aos do culto e das religiões, aos ambientes artísticos e àqueles mais contemporâneos, os ambientes da mídia –, incluindo aí imprensa, cinema incipiente, fotografia, projeções, cartazes, painéis e propaganda em geral. Colecionou fotos da Primeira Guerra Mundial, como material iconográfico igualável à imagem escolhida para a tese doutoral, a *Vênus* de Botticelli. Ao fim da guerra, o estudioso das imagens começa a demonstrar-se perseguido e atormentado por imagens internas. Via perseguidores atacando seus filhos, esposa, irmãos e familiares. E reagia, ameaçando-as de volta, em temperamento colérico, como ele próprio se definia.

Os irmãos se apressaram em buscar ajuda psiquiátrica, primeiro em Hamburgo, depois em Jena e finalmente em Kreuzling, na Suíça, na clínica Bellevue do já consagrado doutor Ludwig Binswanger. Os prontuários dessa longa internação (que termina apenas em 1924) dão testemunho dos

tormentos, da inquietação, da fúria do paciente, sobretudo após a partida de seus entes queridos que o visitavam. Temia que fossem assassinados na viagem de volta, que fossem vítimas de um complô. Recentemente, em 2007, os prontuários foram publicados como *Die unendliche Heilung* (*A cura infindável*), reunindo tanto as observações diárias de enfermeiros e médicos como a correspondência posterior entre Warburg e o médico. O prognóstico de Binswanger era pessimista, como ele próprio responde em correspondência ao colega Sigmund Freud, quando inquirido sobre o "famoso professor".

A família providencia um segundo diagnóstico e convida Emil Kraepelin a consultar o paciente. Kraepelin diverge de Binswanger e aponta o quadro como reversível.

Em 1923, o paciente toma a iniciativa de demonstrar aos médicos sua sanidade: propõe-se a fazer uma conferência ilustrada com diapositivos, para médicos e pacientes da clínica, sobre sua viagem às aldeias dos índios Hopi, do Novo México, em 1895, e sobre seus rituais com serpentes vivas. Manda vir de sua biblioteca a coleção de diapositivos feita durante a viagem e apresenta a conferência *Imagens da região dos índios pueblos da América do Norte* em 21 de abril.

A conferência tratava da presença física da serpente nos rituais e sua presença imagética sob as mais variadas formas, nos degraus dos altares, nos desenhos e nos cultos Hopi, nos desenhos de crianças e sob a forma de relâmpagos e raios nos céus. Warburg associa a mitologia Hopi com outras mitologias nas quais as serpentes possuem a mesma função de unir o inframundo com os céus, sendo agente de chuvas e fertilidade, tanto quanto de cura, ou como agente no ciclo entre a vida e a morte. Na epígrafe da conferência escreve, anunciando a recorrente presença das mesmas imagens em culturas tão distantes e distintas: "Folheio em velhos livros, de Atenas a Oraibi, [somos] todos primos". Findada a conferência, a junta de médicos decide considerar o paciente recuperado e lhe dá alta um ano depois.

Warburg envia suas anotações da palestra ao seu bibliotecário Fritz Saxl com a instrução expressa de não publicar e não mostrá-las a ninguém, com exceção de seu amigo Ernst Cassirer. Assim feito, Saxl obedeceu à ordem até 20 anos após a morte de Warburg, publicando-a em inglês no *Warburg Institute*, em Londres. A edição alemã somente é publicada quase 40 anos depois. Hoje tal breve escrito é considerado chave para o pensamento inovador de Warburg sobre as imagens que povoam nosso mundo desde tempos imemoriais – e hoje, inflacionariamente, ocupam todos os nossos espaços, desde os mais públicos até os mais íntimos. É

a demonstração da ousada tese de Aby Warburg sobre algo que chama de *Nachleben,* palavra alemã criada por ele (como costumava fazer com frequência) e que significa "pós-vida", uma vida após a vida. Não se trata de vida póstuma, como alguns a traduziram, pois não é vida após a morte. Tampouco é "sobrevivência" ou "sobrevida", como tantos outros a traduziram, pois não é continuação da vida após uma crise ou uma ameaça. A imagem é sempre uma pós-vida.

Um "guarda-venenos"

O mundo da arte e a imagem artística sempre tiveram grande importância para Warburg, mas sempre procurando enxergar "[...] o sentido da vida, o lugar da arte na vida, a ocorrência do lugar do conhecimento na vida", como o formula Lescourret (2014) em excelente biografia.

Warburg enfatizava em suas conferências, acompanhadas inevitavelmente de painéis com imagens distintas lado a lado, a imagem e seus sentidos, nunca priorizando apenas seu valor estético. O que isto significa em nossos dias? Um depoimento de um jovem discípulo informal pode esclarecer muito da visão pioneira, transgressora e rebelde de Warburg sobre sua época (e mais ainda sobre a nossa). A pedido de uma amiga de sua esposa, recebeu o adolescente Carl Georg Heise, que pretendia estudar futuramente História da Arte. A intenção do rapaz era conseguir orientações para seu futuro estudo. A conversa inicial se transformou em uma série de explanações sobre as imagens da arte que ambos contemplaram juntos a título de preparação do jovem Carl Georg, que na vida adulta se tornou diretor da renomada Kunsthalle Hamburg e publicou, depois da morte do mestre, suas *Recordações pessoais de Aby Warburg*[2], publicadas a pedido de Max Warburg, em 1947.

Relata Heise que Warburg fazia duras críticas à maneira como o jovem via as obras de arte, em uma leitura "excessivamente estetizante". Certo dia, mostrou ao discípulo um armário trancado a chave dentro de sua biblioteca, explicando: "Aqui se encontram as obras que nunca devem ser seguidas, aquelas de visão exclusivamente estetizante. Este é o

2 Heise, Carl G. **Personliche Erinnerungen an Aby Warburg**, Wiesbaden (ALE): Harrassowitz, 2005.

guarda-venenos" (*Giftschrank*, em alemão). Heise logo perguntou por que, então, mantém na biblioteca tal coleção tão nociva. O mestre retruca que é preciso manter o diabo sempre por perto para acompanhar suas diabruras.

Também em Roma, em 1912, Heise acompanhou uma grandiosa conferência de Warburg sobre os afrescos do *Palazzo Schifanoia* de Ferrara, diante de um público seletíssimo de especialistas, designando o momento como "nascimento de uma nova maneira de pesquisar a imagem".

Um *Atlas das imagens* e uma "ciência sem nome"

O genial inventador de palavras novas para definir novas maneiras de compreender as imagens nunca se anunciou como fundador de uma nova ciência, nem se preocupou em dar um nome novo para o saber novo que praticava. Sua ciência permaneceu "sem nome", uma vez que não se restringe a uma iconologia, nem é história da imagem, nem iconografia. É muito mais: o estudo das imagens como fórmula de *pathos*. Nome inventado por Warburg, *Pathosformel* (fórmula de emoção, positiva ou negativa), designa o poder que as imagens possuem sobre nossos olhares e nossas emoções.

Mesmo assim, o que melhor nomeia tal ciência não é uma palavra, mas um projeto, uma obra inacabada, sua obra utópica, a construção de um *Atlas das imagens*, o *Bilderatlas Mnemosyne*, uma coleção de painéis com "famílias de imagens", uma reunião exaustiva de todas as famílias de imagens de todos os tempos.

Aby Warburg morreu antes de terminar sua gigantesca obra (deixou apenas algumas dezenas de painéis), mas também não presenciou as imagens que seus surtos psicóticos anteciparam em quase vinte anos.

SUMÁRIO

Três fragmentos inéditos de Aby Warburg 13

Da fórmula de *Pathos*
ao atlas da linguagem dos gestos 21
Claudia Wedepohl

Referências de uma Ciência sem nome 53
Marie-Anne Lescourret

Idea vincit! Algumas imagens tangenciais
à elipse de Aby Warburg 63
Norval Baitello Jr.

O arquivo Warburg da Primeira Guerra Mundial:
relatório preliminar de uma reconstrução 77
Peter J. Schwartz

A coleção de fotografias da Primeira Guerra Mundial do Arquivo Warburg: Conclusões de uma primeira abordagem 111
Leão Serva

Questões de distância – *Pathosformel* como imagem de Pensamento 135
Pablo Schneider

Posfácio: Atlas Mnemosine, o algoritmo de Warburg 155
Leão Serva, Norval Baitello Jr.

Sobre os autores 159

Três fragmentos inéditos de Aby Warburg

Até hoje inéditos no Brasil, estes textos escritos pelo estudioso alemão Aby Warburg têm em comum as referências à imprensa e à Primeira Guerra Mundial, sob a égide da qual os três foram escritos.

O primeiro, com duas páginas, é uma pequena explicação sobre o projeto da revista *La Guerra del 1914*, que Aby Warburg e um grupo em torno dele publicaram na Itália, tentando influenciar o público italiano a defender a neutralidade do país na Primeira Guerra Mundial. O texto está arquivado em um envelope colado à terceira capa da encadernação de um exemplar do segundo número de *La Guerra del 1914*, no Arquivo Warburg. Em 36 linhas datilografadas, ele explica o projeto e o conteúdo da publicação. Como era frequente, o texto escrito por Warburg (com anotações manuscritas no alto) refere-se a ele mesmo em terceira pessoa. Aparentemente, foi redigido antes da adesão da Itália aos Aliados, contra a Alemanha, à qual não faz referência e que pôs fim à publicação.

O segundo texto é uma carta enviada por Aby Warburg à Associação de Colecionadores da Guerra Mundial (*Vereinigung der Weltkriegssammler*), em 1917, em resposta a um questionário sobre iniciativas de arquivos sobre o conflito. O questionário e o arquivo que Warburg montou sobre o conflito mundial são minuciosamente estudados no ensaio de Schwartz, que faz parte deste volume. O texto do estudioso norte-americano, no entanto, não faz referência específica à carta aqui

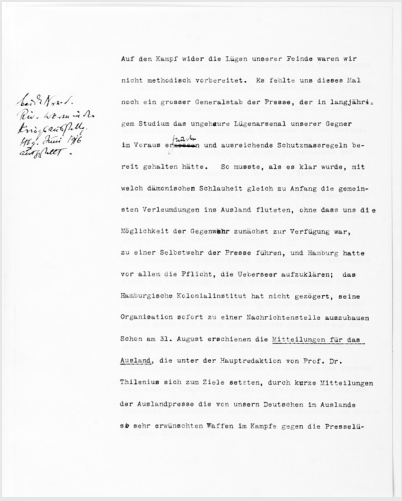
publicada, o que mostra que Warburg preparou mais de uma versão do texto explicativo de seu projeto, que enviaria à associação de historiadores. A versão traduzida neste volume é a de um documento de quatro páginas, 75 linhas datilografadas, indexada no Arquivo Warburg.

Já o ensaio curto *Presse, Publikum, Papier* foi publicado em 1918 em uma revista de ensaios alemã, *Die literarische Gesellschaft*. Ele reflete sobre o papel da imprensa quando seu autor ainda estava bastante impactado pela Primeira Guerra que terminaria em seguida.

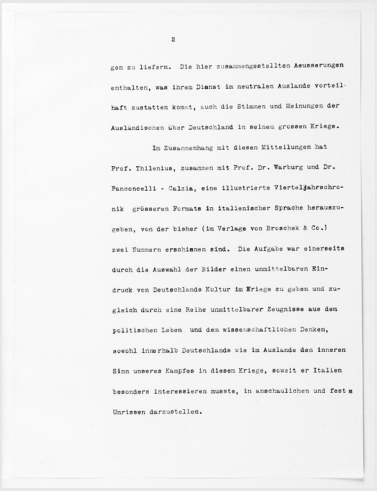
Como o leitor poderá sentir, o estilo da prosa de Warburg é sempre difícil, mesmo nos originais. Rebuscado, sempre buscando criar novas palavras, Warburg dá trabalho tanto aos leitores de língua alemã como àqueles que o consomem em traduções.

Os textos expressam a visão que tinha da imprensa, como instrumento de propaganda, de disputa de visões, o *front* de uma batalha disputada em palavras e imagens, semelhante ao que identificara nas guerras religiosas no tempo de Lutero (ver capítulo 5). Warburg também revela sua visão de que os textos jornalísticos devem ser analisados no conjunto da edição em que são publicados, pois, se tirados deste contexto, parte fundamental de sua expressão fica comprometida. Neste caso, cem anos depois, sua visão pode ser usada para entender a desinformação que decorre do frequente consumo de textos de imprensa em redes sociais, deslocados do ambiente jornalístico em que foram publicados originalmente.

Carta de Warburg sobre a revista "La Guerra Del 1914"[1]



Auf den Kampf wider die Lügen unserer Feinde waren wir
nicht methodisch vorbereitet. Es fehlte uns dieses Mal
noch ein grosser Generalstab der Presse, der in langjähri-
gem Studium das ungeheure Lügenarsenal unserer Gegner
im Voraus erkannt und ausreichende Schutzmassregeln be-
reit gehalten hätte. So musste, als es klar wurde, mit
welch dämonischem Schlauheit gleich zu Anfang die gemein-
sten Verleumdungen ins Ausland fluteten, ohne dass uns die
Möglichkeit der Gegenwehr zunächst zur Verfügung war,
zu einer Selbstwehr der Presse führen, und Hamburg hatte
vor allen die Pflicht, die Ueberseer aufzuklären; das
Hamburgische Kolonialinstitut hat nicht gezögert, seine
Organisation sofort zu einer Nachrichtenstelle auszubauen
Schon am 31. August erschienen die Mitteilungen für das
Ausland, die unter der Hauptredaktion von Prof. Dr.
Thilenius sich zum Ziele setzten, durch kurze Mitteilungen
der Auslandpresse die von unsern Deutschen in Auslande
so sehr erwünschten Waffen im Kampfe gegen die Presselü-



2

gen zu liefern. Die hier zusammengestellten Aeusserungen
enthalten, was ihren Dienst im neutralen Auslande vorteil-
haft zustatten kommt, auch die Stimmen und Meinungen der
Auslandsdeutschen über Deutschland in seinem grossen Kriege.

In Zusammenhang mit diesen Mitteilungen hat
Prof. Thilenius, zusammen mit Prof. Dr. Warburg und Dr.
Fanconcelli - Calzia, eine illustrierte Vierteljahrschro-
nik grösseren Formats in italienischer Sprache herauszu-
geben, von der bisher (im Verlage von Broschek & Co.)
zwei Nummern erschienen sind. Die Aufgabe war einerseits
durch die Auswahl der Bilder einen unmittelbaren Ein-
druck von Deutschlands Kultur im Kriege zu geben und zu-
gleich durch eine Reihe unmittelbarer Zeugnisse aus den
politischen Leben und dem wissenschaftlichen Denken,
sowohl innerhalb Deutschlands wie im Auslande den inneren
Sinn unseres Kampfes in diesen Kriege, soweit er Italien
besonders interessieren musste, in anschaulichen und fest e
Umrissen darzustellen.

Fac-símile da carta, guardada em um envelope colado na terceira capa do exemplar da revista.
Fonte: Instituto Warburg.

Não estávamos metodicamente preparados para a luta contra as calúnias de nossos inimigos. Faltou-nos, dessa vez, um Estado Maior da Imprensa, pois este teria antecipadamente, devido a longos anos de estudo do monstruoso arsenal de mentiras de nossos adversários, experimentado e adotado medidas de proteção suficientes. Assim que ficou clara a esperteza demoníaca com a qual as difamações mais indecentes inundavam os países estrangeiros, sem que dispuséssemos de possibilidade alguma de defesa, foi preciso criar uma autodefesa da imprensa, sendo que Hamburgo teve o principal dever de esclarecer tais difamações além-mar. O Instituto Colonial de Hamburgo não hesitou em ampliar sua organização com um posto de informações. Já no dia 31 de agosto, foram lançados os informes para o exterior [*Mitteilungen*

1 Texto arquivado em um envelope colado à terceira capa da encadernação de um exemplar do segundo número da revista *La Guerra del 1914* no Arquivo Warburg. Tem a função de um release explicativo do conteúdo da publicação. Como era frequente, o texto escrito por Warburg (com anotações manuscritas suas no alto) refere-se a ele mesmo em terceira pessoa. Aparentemente escrito antes da adesão da Itália aos Aliados, contra a Alemanha, à qual não faz referência.